

Educação de Jovens, Adultos e Idosos e a Pandemia: Análise Mista de Dados e Impactos

Education of Young People, Adults, and the Elderly and the Pandemic: Mixed Data Analysis and Impacts

Luciana Prado Mouta Pena¹

Resumo: Este artigo analisa a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) através de uma pesquisa mista que combinou exaustivos métodos qualitativos e quantitativos com o objetivo de proporcionar uma compreensão abrangente sobre esta modalidade antes e após o período da pandemia. A opção pela metodologia mista deveu-se à intenção de obter análises detalhadas e confiáveis dos dados coletados. Para isso utilizamos os dados do Censo Escolar da Educação Básica, que nos permitiu comparar uma série de quantificações de matrículas nesta modalidade e concluir importantes análises. Além disso, apresentamos um breve histórico desta modalidade, justificando a importância de adaptações curriculares para atender às necessidades dos estudantes.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA). Impacto da Pandemia. Censo Escolar da Educação Básica.

Abstract: This article analyzes Youth, Adult and Elderly Education (EJA) through mixed research that combined exhaustive qualitative and quantitative methods with the aim of providing a comprehensive understanding of this modality before and after the pandemic period. The choice for a mixed methodology was due to the intention of obtaining detailed and reliable analyzes of the data collected. To do this, we used data from the Basic Education School Census, which allowed us to compare a series of enrollment quantifications in this modality and complete important analyses. Furthermore, we present a brief history of this modality, justifying the importance of curricular adaptations to meet the needs of students.

Keywords: Education of Young People and Adults (EJA). Pandemic Impact. School Census of Basic Education.

1 Primeiras considerações

Este artigo apresenta recorte de pesquisa desenvolvida em metodologia mista que, de acordo com Creswell (2007) envolve análises qualitativas sobre importantes dados quantitativos. A pesquisa mista combina métodos qualitativos e quantitativos para explorar um fenômeno, proporcionando uma compreensão mais abrangente. Em nosso caso, obtivemos os dados quantitativos em exaustiva coleta no Censo Escolar da Educação Básica, comparando-os ao período anterior à pandemia e aos dias de hoje. Buscamos assim responder à pergunta central: o que os dados quantitativos relacionados às matrículas da EJA nos permitem concluir?

Essa abordagem nos possibilitou a integração de dados coletado em leituras de vasta bibliografia com dados que refletem a situação da EJA em números, oferecendo uma visão completa e detalhada. Destacamos que a flexibilidade metodológica da pesquisa mista facilita a adaptação dos métodos conforme necessário, aumentando a validade e a confiabilidade dos resultados. O objetivo que nos moveu foi o de proporcionar uma compreensão abrangente sobre esta modalidade antes e após o período da pandemia, e se justifica por ressaltar, dentre outras questões, a defesa por adaptações curriculares que atendam às necessidades dos estudantes.

¹Universidade Federal Fluminense • Niterói, RJ em exercício na Universidade Federal de São João Del REI • São João Del REI, MG — Brasil • ✉ lucianapena@id.uff.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1259-6473>

2 Breve conversa sobre a EJA

Este artigo pretende situar problemáticas relacionadas à Educação de Jovens, Adultos e Idosos antes e após o período da pandemia da Covid-19. Entretanto julgamos pertinente destacar, mesmo que brevemente, um pouco de sua história como forma de demonstrar a sempre ocorrência de omissões políticas que resultaram no afastamento de uma grande quantidade de brasileiros das escolas, relegando-lhes, em geral, o pertencimento a uma parcela social à margem da educação e das possibilidades de melhoria de vida que esta poderia lhes proporcionar.

Importante destacar que a própria nomenclatura EJA, é recente em nossa história. Segundo Fávero (2009), ela passou a ser utilizada apenas a partir da década de 1980, com a incorporação da categoria juventude nos estudos das Ciências Sociais. Ressaltamos que é ainda mais recente a incorporação da categoria idoso, como forma de chamar mais a atenção para uma parcela dos estudantes que têm especificidades, objetivos de retornar aos estudos e necessidades próprias.

Justamente os idosos que compunham, durante décadas, uma parcela significativa da população que era denominada de “chaga nacional” (Cury, 2000), por representarem uma grande quantidade de analfabetos. De acordo com Saviani (2007), com o surgimento dos movimentos populares, na década de 1960, acompanhamos a implementação das ideias de Paulo Freire, que defendia que o analfabetismo era uma consequência da exclusão social, econômica e cultural, e que era necessário buscar entender o estudante adulto em suas especificidades, proporcionando atividades pedagógicas em um currículo escolar com especial atenção à valorização dos seus conhecimentos oriundos de suas experiências de vida.

De acordo com Freitas (2013), começaram nesse período a despontar novos entendimentos para a expressão “educação popular”, no sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo. Pretendia-se superar sentidos comumente empregados anteriormente que geravam uma educação dual, ou seja, uma direcionada aos descendentes dos grupos dominantes e dirigentes, e outra ao povo, visando, quase sempre, controlá-lo e ajustá-lo à ordem dominante.

Com vistas às especificidades deste alunado jovem, adulto e idoso foi lançada em 2001 a Proposta Curricular para o Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos: 10 segmento do Ensino Fundamental (Brasil, 2001), e no ano seguinte, em 2002, a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: 2º segmento do Ensino Fundamental (Brasil, 2002). Estes documentos nos lembram que, em relação à matemática, “há jovens e adultos analfabetos capazes de fazer cálculos bastante complexos, ainda que não saibam como representá-los por escrito na forma convencional, ou ainda que não saibam sequer explicar como chegaram ao resultado” (Brasil, 2001, p. 35).

Podemos analisar que, em uma perspectiva etnomatemática, a escola deveria despertar para a necessidade de adaptações curriculares de modo a permitir que cada vez mais estes conhecimentos não escolares ganhem espaço nas salas de aula. Principalmente em tempos atuais que vemos a utilização da Base Nacional Comum Curricular como fonte para adaptações curriculares aligeiradas e simplificadas, mesmo sendo este documento não plenamente direcionado aos objetivos da EJA.

Freitas (2013) defende que o processo educacional dessa modalidade, tanto em matemática, quanto em outras áreas do conhecimento, precisa ser concebido como um modelo pedagógico próprio objetivando criar um ambiente propício à promoção de situações de aprendizagens específicas. Além disso, ressalta a necessidade de reconfigurações de currículos, revisão de métodos avaliativos, desenvolvimento de materiais didáticos específicos e

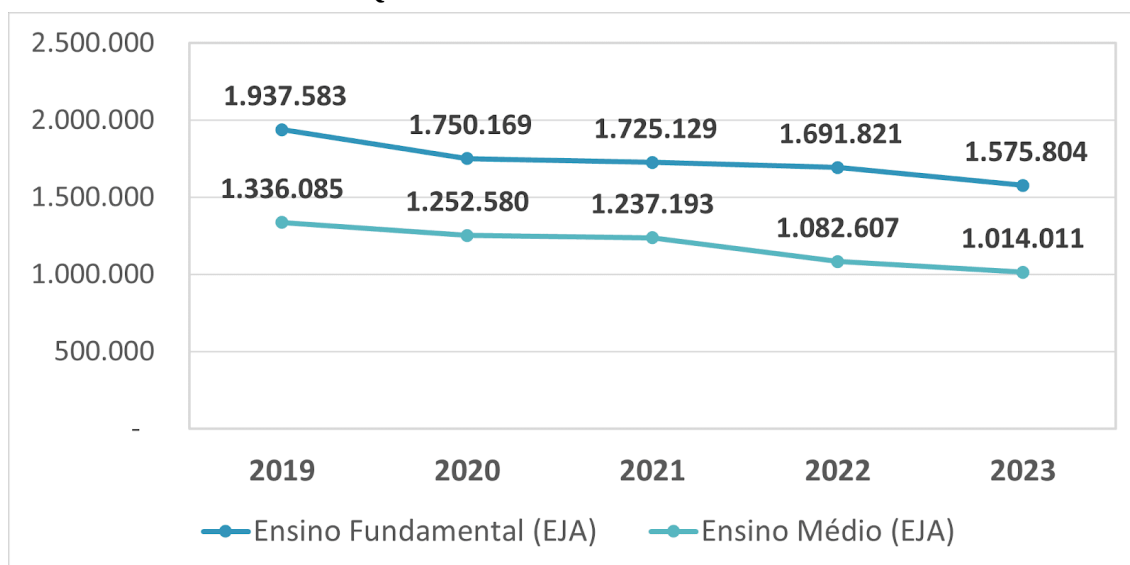
oferecimento de formação adequada aos profissionais que atuam na EJA. Infelizmente, como acompanhamos, nada disso foi posto de fato em prática antes, durante ou após a pandemia do Covid-19.

3 Retratos da EJA

Iniciamos esta seção contextualizando brevemente a ocorrência da pandemia de Covid-19, e o quanto ela afetou a EJA. Fantinato, Freitas e Dias (2020) denunciaram que o sucateamento e o desmonte da EJA foi acelerado nos tempos desta pandemia impondo distanciamentos físicos, que atingiram “diretamente estes estudantes, diminuindo suas possibilidades de iniciar, ou dar continuidade aos estudos” (p.105).

Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde caracterizou a Covid-19 como uma pandemia, reconhecendo sua distribuição geográfica acelerada em vários países e regiões do mundo. Importante destacar que o termo pandemia “se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade” (Organização Pan Americana de Saúde, 2024)². Esta caracterização suscitou a indicação de distanciamento físico e a posterior utilização de ensino no modelo remoto, o que pode ser analisado como uma das possíveis causas para a diminuição das matrículas na EJA. Essa diminuição é apresentada no gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Quantidade de matrículas na EJA – 2019 A 2023



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

Ao analisarmos o gráfico 1, verificamos que o ensino fundamental e médio da EJA, apresentou diminuição de 20,9% entre 2019 e 2023 chegando a 2,6 milhões em 2023. A queda no último ano disponível no Censo Escolar da Educação Básica (2023) foi de 6,7%, ocorrendo de forma semelhante nas etapas de nível fundamental e de nível médio, que apresentaram redução de 6,9% e 6,3%, respectivamente.

Vale destacar que, em 2023, foram registradas 1,6 milhões de matrículas no ensino fundamental da EJA. Essa quantidade foi 18,7% menor do que o registrado em 2019. Se

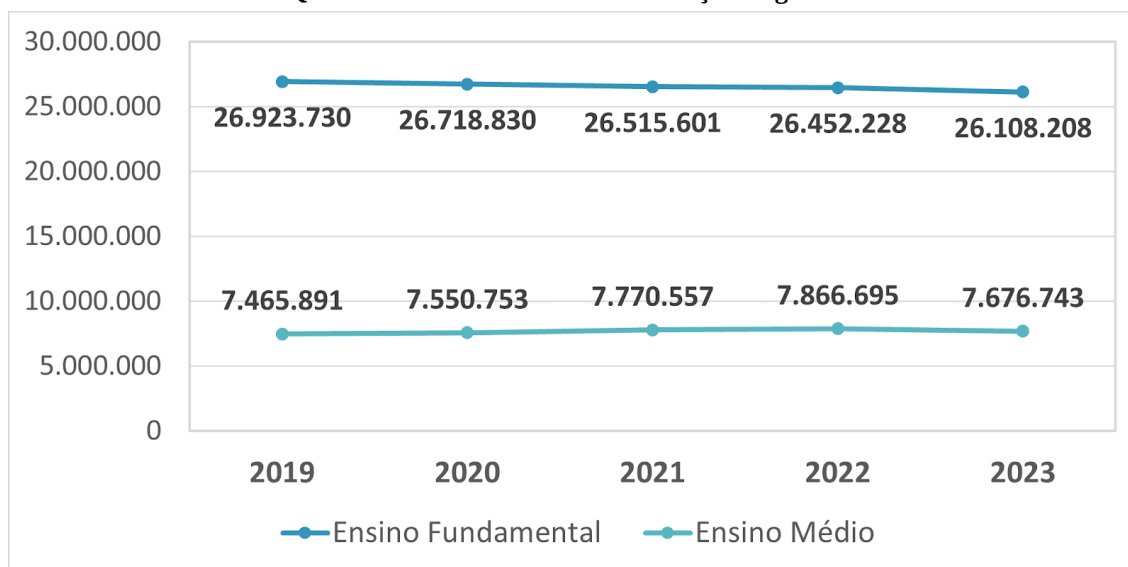
² Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 06/07/24.

observarmos o ensino médio da EJA este impacto foi ainda mais significativo apontando um decréscimo no número de matrículas de 24,1% nos últimos cinco anos.

Temos ciência de que não podemos indicar apenas a causa da pandemia para a diminuição da quantidade de estudantes na EJA, pois há diversos outros fatores que podem ter influenciado, mas como ressalta Fantinato, Freitas e Dias (2020) com certeza este é um dos principais deste período.

Interessante compararmos com o gráfico da modalidade dita “regular”, que praticamente mostrou-se estável, conforme podemos verificar no gráfico 2, a seguir.

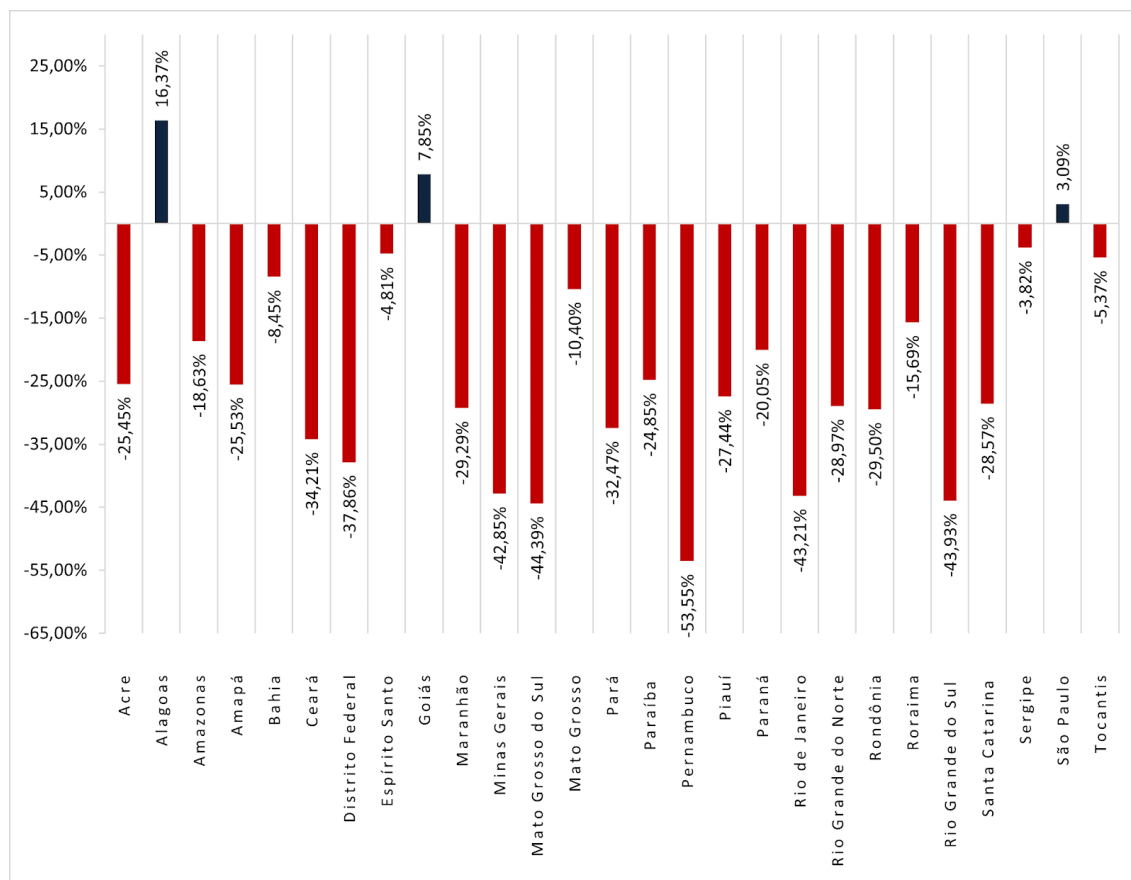
Gráfico 2 – Quantidade de matrículas na Educação Regular - 2019 A 2023



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

Conforme podemos verificar no gráfico 2, em 2023, foram registradas 26,1 milhões de matrículas no ensino fundamental regular, esse valor é apenas 3,0% menor do que o registrado para o ano de 2019. Segundo a nota técnica do Censo, nos últimos cinco anos, essa redução foi mais acentuada nos anos iniciais (3,9%) do que nos anos finais do ensino fundamental (1,9%). Já com relação ao ensino médio, foram registradas 7,7 milhões de matrículas, o total de matrículas apresentou um aumento de 2,82% comparado ao mesmo período.

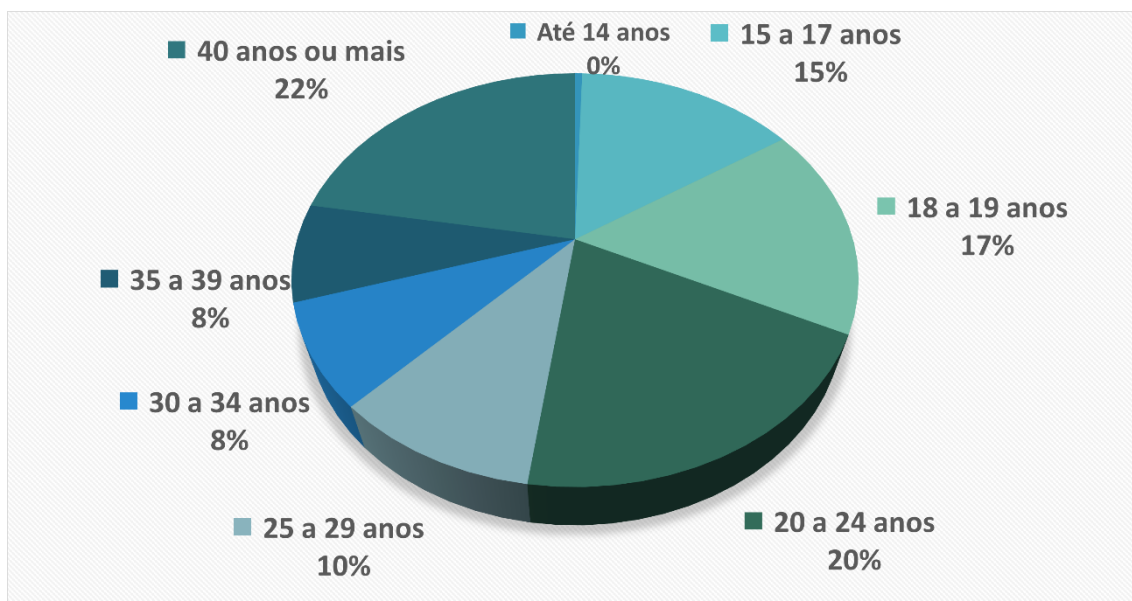
Ainda analisando os dados proveniente do Censo Escolar da Educação Básica, elaboramos o gráfico 3 a seguir tendo por base cada uma das unidades da Federação. Ele nos permite constatar que, dos 27 estados brasileiros, apenas 3 apresentaram porcentagens positivas como resultado da diferença entre a quantidade de matrículas na EJA entre 2019 e 2023, ou seja, a quase totalidade esteve na mesma situação, de diminuição de matrículas. Dentre estas, chamamos a atenção para Pernambuco, que apresentou a queda de 53,55% de estudantes, e quatro outros estados que apresentaram uma redução percentual superior a 40% (Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul).

Gráfico 3 – Diferença percentual da quantidade de matrículas da EJA entre os anos de 2019 e 2023 por unidades da Federação

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

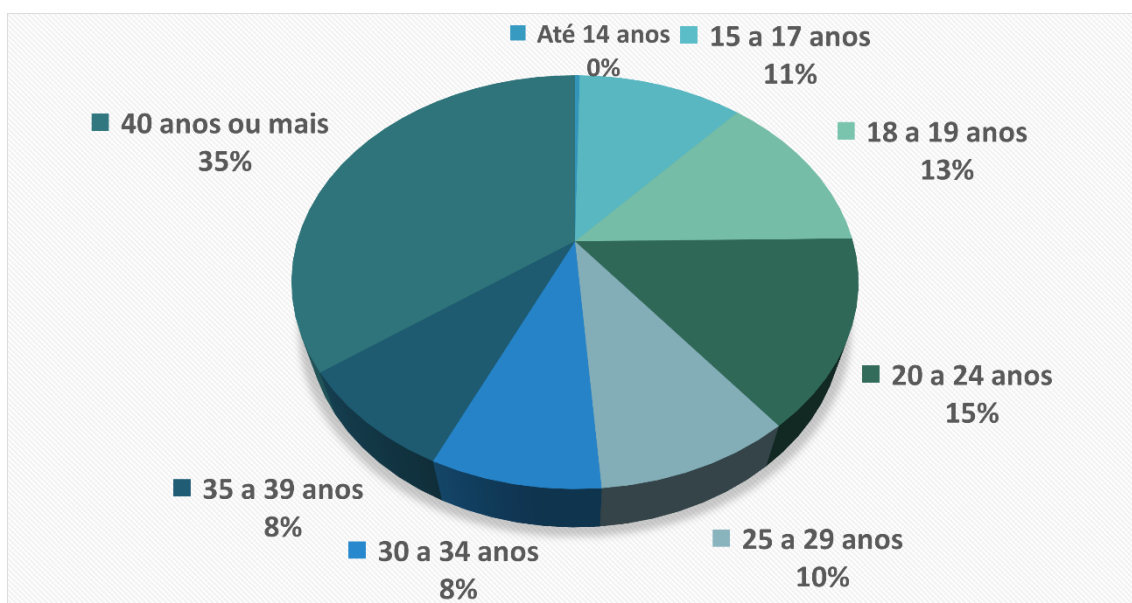
Como tem sido comumente veiculado que a EJA vem sofrendo um processo de juvenilização, optamos por analisar também os percentuais disponíveis no Censo Escolar da Educação Básica neste quesito. Com base nessas análises construímos os gráficos 4 e 5 a seguir. Eles nos servem para comparar os percentuais do número de matrículas na EJA em todo o país, em dois momentos distintos, em 2019 (antes da pandemia) e em 2023, após o retorno e normalização das aulas presenciais, e também por serem os dados mais recente disponíveis no Censo.

Gráfico 4 – Percentual do número de matrículas na EJA de acordo com a faixa etária – 2019



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

Gráfico 5 – Percentual do número de matrículas na EJA de acordo com a faixa etária – BRASIL – 2023

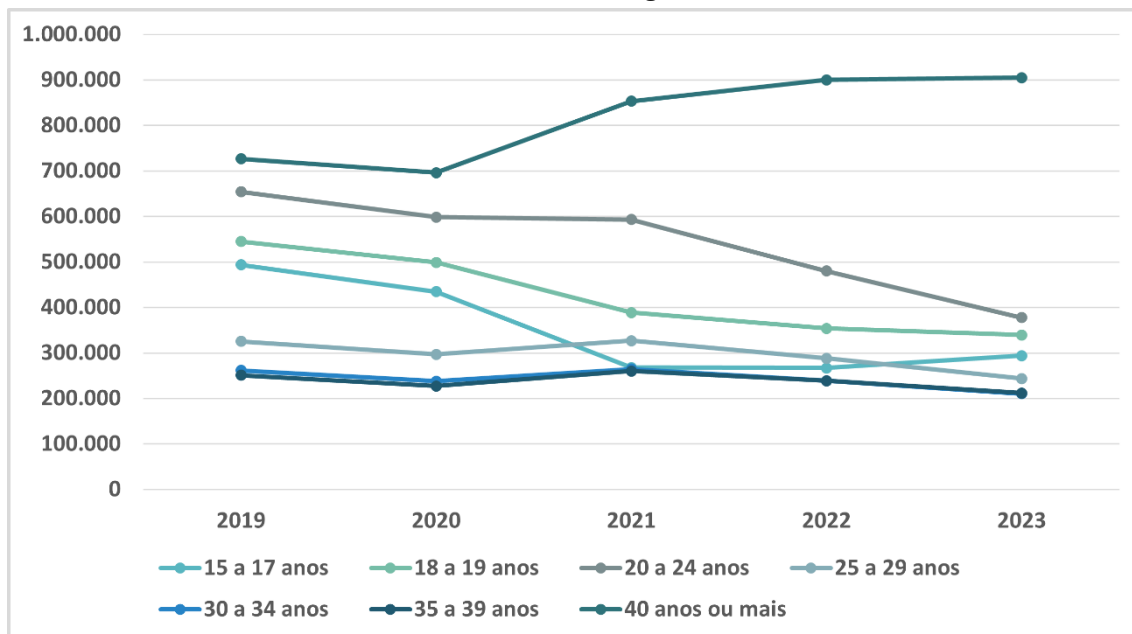


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

Importante destacar que a análise dos gráficos 4 e 5 nos permitem, de certa forma, contradizer a afirmativa de processos crescentes de juvenilização, pois verificamos que o número de matrículas da EJA é composto por 35% por alunos com mais de 40 anos. As porcentagens de estudantes de 15 a 17 anos, e da faixa de 18 a 19 anos, caíram quando comparadas de 2019 e 2023. Entretanto, a faixa de 40 anos ou mais, apresentou um significativo aumento neste mesmo intervalo. Estaríamos então diante de um movimento de retomada dos estudantes adultos e idosos da EJA após a pandemia?

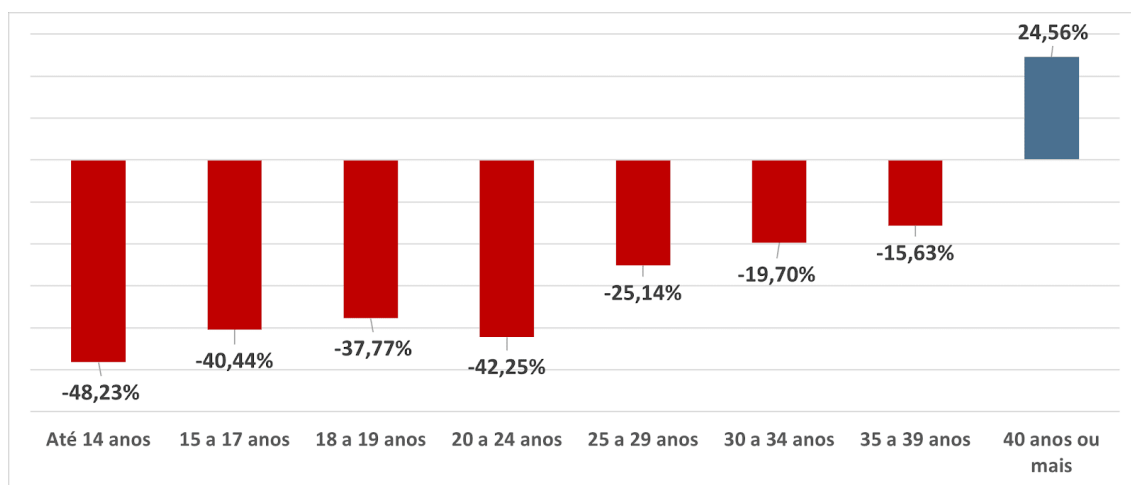
No intuito de melhor apresentar os movimentos percentuais das quantidades de acordo com estas mesmas faixas de idade, elaboramos o gráfico 6, a seguir. Ele nos permite constatar de forma clara que a única faixa etária que aumentou na EJA após a pandemia foi de 40 anos ou mais. Elaboramos o gráfico 7 no intuito de também ressaltar argumentos para estas análises.

Gráfico 6 – Número de matrículas na EJA segundo faixa etária – 2019 A 2023



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

Gráfico 7 – Diferença percentual do número de matrículas da EJA entre os anos de 2019 e 2023 por faixa etária



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica.

Os dados nos levam a verificar que em 2023, o número de matrículas da EJA de alunos com mais de 40 anos de idade chegou a 904.876, um aumento de 24,5% em relação a 2019, todas as demais faixas etárias tiveram uma diminuição significativa no número de matrículas em comparação ao ano mesmo ano. Estes dados podem nos levar a outras pesquisas que apontem as causas da retomada destes estudantes adultos e idosos nos bancos escolares da EJA após a pandemia, mas já nos servem para afirmar que os processos de juvenilização na EJA,

antes e após a pandemia, que tem sido recorrentemente apregoados em diversas produções, não se mostra verdadeiro quando nos atemos aos dados estatísticos provenientes do Censo Escolar.

4 Considerações provisórias

A análise dos dados da EJA no contexto da pandemia de Covid-19 revelou impactos significativos nas matrículas, evidenciando uma diminuição acentuada no número de alunos, especialmente nos níveis fundamental e médio. Este fenômeno, embora em parte atribuído às restrições impostas pela pandemia, também pode refletir desafios estruturais e históricos que a EJA enfrenta no Brasil. A pesquisa mista utilizada neste estudo cumpriu o objetivo de integrar dados quantitativos e qualitativos, oferecendo uma visão mais completa das dinâmicas envolvidas e destacando a necessidade de políticas públicas mais eficazes e adaptadas às especificidades dos estudantes da EJA.

Finalizamos provisoriamente destacando que a história da EJA, marcada por omissões políticas e desafios de inclusão, aponta para a urgência de reconfigurações curriculares e metodológicas que valorizem os conhecimentos e experiências de vida dos estudantes. A pandemia expôs fragilidades, mas também trouxe à tona a resiliência e a necessidade de inovação na abordagem educacional. Investir na formação continuada dos profissionais da EJA, desenvolver materiais didáticos específicos e promover um ambiente pedagógico inclusivo são passos fundamentais para garantir que a EJA possa cumprir seu papel transformador na vida de jovens, adultos e idosos, proporcionando-lhes oportunidades reais de crescimento e desenvolvimento.

Referências

- Brasil, Ministério da Educação. (2001). *Educação para jovens e adultos: Ensino fundamental: Proposta curricular - 1º segmento*. São Paulo, SP: Ação Educativa; Brasília, DF: MEC.
- Brasil, Ministério da Educação. (2002). *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: Segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: Introdução* (Vol. 1). Brasília, DF: MEC.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Cury, C. R. J. (2000). *Parecer nº 11/2000 do CNE/CEB: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília, DF: CNE/CEB.
- Fávero, O. (2009). Educação de jovens e adultos: Passado de histórias; presente de promessas. In J. Rivero & O. Fávero (Orgs.), *Educação de jovens e adultos na América Latina: Direito e desafio de todos* (pp. 35-58). Brasília, DF: UNESCO.
- Freitas, A. V. (2013). *Educação matemática e educação de jovens e adultos: Estado da arte de publicações em periódicos (2000 a 2010)* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Freitas, A. V., Silveira, A., Meira, C. J., & Andrade, E. L. W. (2018). Panorama da EJA na atualidade: Um recorte sob a perspectiva de trabalhos do ETNOMAT RJ. In M. C. Fantinato & A. V. Freitas (Orgs.), *Etnomatemática – Concepções, dinâmicas e desafios* (pp. 75-90). Jundiaí, SP: Paco.
- Saviani, D. (2007). *História das ideias pedagógicas no Brasil* (2ª ed.). Campinas, SP: Autores Associados.